A VOZ DO POVO

ORGAM DO PARTIDO REPUBLICANO

REDACTOR--J. A. COUTINHO

PROPRIEDADE DE UMA ASSOCIAÇÃO

ANNO I. SANTA CATHARINA—DESTERRO—DOMINGO 23 DE AGOSTO DE 1885 NUMERO 13

A VOZ DO POVO

Que farão elles?...

Está debaixo o partido liberal.

Depois de sete annos de gôso do poder, caio sem ter realisado uma unica das idéas do seu programma; sem que os principios grandiosos da escola liberal tivessem, siquer, inicio de applicação pratica.

A bandeira gloriosa que hasteou quando oposição e onde inscreveu — Reforma ou Revolução— foi, logo apóz sua chegada ao poder, enrolada e enterrada d'envolta com as esperanças do povo brazileiro, no tumulo onde repousam as aspirações democraticas da maioria da nação e o caracter dos traidores ás diversas idéas.

No governo, o partido liberal foi a negação de todos os principios que pregára quando opposicionista; não teve um unico olhar compassivo para aquillo que promettêra n'uma luta de dez annos, não pensou um momento nas idéas que dizia seu patrimonio e que deram-lhe a posse do poder e da vontade popular.

Nada, nada, absolutamente nada de liberal fez o partido que se inscreve com esse nome.

Desde os ministerios que declararam não cogito e não tenho mais a fazer que o expediente, até aquelles que não pejaram-se de declarar que apresentavam uma reforma vasada nos moldes do mais puro conservatorismo elle teve.

Teve tudo, tudo no governo, menos aquillo que fosse liberal, aquillo que decorresse dos sacrosantos principios da liberdade.

Sete annos de governo, assembléa unanime em alguns delles, e nem uma reforma, e nem um acto que significasse emanação de poderes oriundos da democracia, e nem um feito que podesse ser classificado como producto de representantes das idéas liberaes.

Foi derrotado, e como Francisco I não póde exclamar que perdeu tudo, fóra a honra.

A honra, a honra mais que tudo, foi que elle perdeu.

Não poderá mais confeccionar retumbantes programmas e lutar por elles.

O povo já o conhece, já sabe que o vicio vem do systema e que sem derribal-o será impossivel a realisação de qualquer reforma liberal, a firmação de qualquer conquista do progresso, da liberdade.

Não poderá, pois, em nome de idéas que não póde realizar, de principios que não póde applicar o partido liberal, apresentar-se em campo.

Só lhe resta uma cousa —convencer-se de que suas doutrinas são incompativeis com a monarchia, que não lhe é dado apoial-a sem quebra de suas idéas, sem esquecimento de seus principios.

Si assim proceder, elle terá por si a opinião nacional, elle conseguirá a posse da hegemonia, que pertence aos partidarios da liberdade.

Si, ao contrario, elle obstinar-se em querer sustentar as instituições que o paiz condemna e que a America repudia, então verá suas fileiras enfraquecerem, rarearem, pois que d'entre os que formam seu *grosso* ha muitos que têm patriotismo, que têm idéas a que se escravisaram, que têm principios de que se tornaram servidôres, e esses, por sem duvida, convenceram-se já que não passarão de mentiras, promessas todas, as propostas para realisação de reformas, com o actual systema de governo.

Todos os bons liberaes estão, com certeza, hoje convictos que emquanto não tirarmos do caminho do progresso o escolho que é causa de todos os nossos naufragios, não será possivel conquista alguma adiantada, progressiva.

E assim sendo, só uma cousa lhe resta a fazer, só um caminho tem elles a seguir — unir-se ás fileiras republicanas, combater sob a bandeira da Republica pelo progresso do paiz, a garantia dos direitos do cidadão, o estabelecimento da fórma de governo democratico puro!

Só assim a historia perdoar-lhes-á as faltas de sete estereis annos de governo;

Só assim poderão elles ter direito aos louvores dos patriotas.

Duvida alguma lhes póde restar.

Descentralisação, casamento civil, abolição da escravaria, temporariedade do senado, separação da egreja e do estado, democratisação do voto, restabelecimento das finanças, tudo que pregou com tanta valentia quando oposição, tudo ficou por fazer, tudo não passou de mentirosa promessa atirada á nação como meio de conquista do poder.

Só resta, pois, aos liberaes sinceros, áquelles que são verdadeiros partidarios das idéas da democracia um caminho, esse é — a Republica.

A' Republica, á Republica — liberaes que não o sois de rotulo e sim de convicções, que não o sois por conveniencias, mas sim por principios!

O deputado Silva Mafra

Não somos dos que por méro capricho e leviandade, tendo atacado hontem um adversario politico pela circumstancia de ter faltado ao cumprimento de seus deveres, inherentes á causa publica, se della se tem encarregado, não lhe façam a justiça de louval-o amanhã pela pratica de um acto que merece o apoio e louvor de todos aquelles em beneficio dos quaes foi praticado.

Ninguem ignora que temos sido censores do silencio dos nossos representantes no parlamento; desapiedados e inexoraveis para com elles, porque se ante a representação Nacional deputados ha, silenciosos e indifferentes á causa das provincias que representam, os nossos entram no numero delles: pelo menos déram-nos motivo para disso nos persuadirmos.

Mas nós que não existimos para fazer injustiças, para calumniar e injuriar a quem quer que seja, ainda mesmo ao proprio adversario, porém sim para pugnarmos pelo engrandecimento da patria e o desenvolvimento do povo; que não temos em vista alcançar victoria da luta que encetámos por meio da intriga sordida e infame; que não intentamos reforçar as fileiras dos nossos batalhões seduzindo os denodados soldados dos adversarios, mentindo-lhes e fazendo-lhes vãs promessas, que por emquanto não podemos cumprir; que não imaginamos por um momento se quer especular com o bem da patria nem despretigiar o merecimento dos bons brazileiros uteis intencionalmente ao engrandecimento do paiz, queremos demonstrar a pureza das nossas intenções quando accusamos, no intuito de irmos prestando nossos serviços á causa do progresso e de alcançarmos o triumpho victorioso da idéa que propagamos.

Somos, por tanto, justiceiros, neutros perante o procedimento dos homens da politica monarchica, quaesquer que sejam seus cargos ou encargos e sinceros quando analysarmos o seu procedimento politico.

Não nos afastaremos desta norma de conduta.

Assim como dispomos de mal aparadas pennas para reprehender e censurar os actos máos, tambem faremos uso dellas para louvar os bons, seja quem fôr que os pratique.

—

Com tal norma adoptada collectivamente pelo partido republicano, é do nosso dever occupar-nos muito criteriosamente do Sr. deputado Silva Mafra, representante desta provincia no parlamento.

Se outr'ora foi inerte, frio, apathico e indifferente aos interesses da provincia, hoje, depois que lemos os ns. do *Diario Official* de 5 e 9 do corrente, onde vem publicado o seu brilhante e bem fundamentado discurso que versa sobre a questão da E. F. Pedro I, isto é, sobre a conveniencia da sua construcção, podemos dizer que é um digno representante da nossa causa.

Sentimos não poder ouvil-o quando se occupou de tão importante assumpto e dispensar-lhe estrepitosos applausos.

Lamentamos, porém, que os seus esforços não sejam coroados do mais feliz resultado sobre a construcção dessa estrada, pela qual tanto se interessaram os inclitos brazileiros Dr. Escragnolle Taunay, senador Lamego e tantos outros amigos do progresso do Brazil.

Trabalhe, pois, assim o Sr. Dr. Mafra e fará jus á nossa estima e ao nosso louvor.

Imite-o o Dr. Schutel e não terá que arrepender-se.

Trabalhem ambos pela realisação de outros melhoramentos de que muito carece a nossa provincia, os quaes são de facil e pouco dispendiosa execução, e a sua gloria será eterna.

Façam questão delles no parlamento; instem o governo pela sua realisação, e se este não os tomar na devida consideração, cumpram com o seu dever declarando-se-lhe em opposição e negando-lhe confiança.

Não encarem preferiveis os interesses pessoaes e partidarios aos interesses da patria, e esta tem forçosamente que progredir.

Mas... é justamente o que se não faz, o que não se observa.

Por isso existimos.

INTERESSES GERAES

E. F. Thereza Christina

Nunca é bom garantir o que é duvidoso, sob pena de, sendo o resultado desfavoravel, ficar desvirtuado e prejudicado o garantidor.

Assim, tendo-nos compromettido perante aquelles que nos dão a honra de nos ler e tambem perante os que por qualquer circumstancia não nos dão essa honra, a dar parecer sobre o melhor porto d'onde deve partir a E. F. Thereza Christina, entendemos que, para evitarmos censuras e desmerecimento no conceito do publico, é do nosso de-

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

ver satisfazer o nosso compromisso com toda a clareza e circumspecção.

Façamol-o, portanto.

—

Sobre a consulta que fizemos a um distincto engenheiro, que todos respeitam e consideram pela sinceridade com que em taes casos manifesta sua franca opinião, concluimos que, por ella, o porto que deve servir de ponto de partida dessa estrada é o desta capital, no Estreito.

A base em que se fundamentou o habil engenheiro é a imprestabilidade dos portos ao sul do Desterro até a Laguna; é a difficuldade que ha de melhorar a barra dessa localidade e conserval-a depois, sem ter que se fazer dispendios avultadissimos continuamente.

A impossibilidade, pois, de melhorar-se essa barra, aprofundando-a e conservando-a sempre em condições de dar entrada a navios de conduzir carvão e generos, é palpavel, é por todos reconhecida, porquanto;

Um quebra-mar é impossivel construir-se solidamente sem risco de destruir-se com as grandes enchentes das marés; a desobstrucção dos bancos de arêa, que na barra tolhem a entrada franca a navios de maior calado póde-se conseguir, mas provisoriamente apenas, pelo motivo de ser todo o pontal, proximo á barra, em vasta extensão, composto de enormes cômoros de arêa que seguidamente, com o sopro dos fortes ventos que ali atacam, estão a entulhar o canal da barra e o da lagôa, e os dispendios que o estado teria que fazer continuamente na conservação da barra seriam excessivos e inconvenientes, desde que ha meio mais facil e economico de nos fazermos communicar com a Laguna por meio da E. F. Thereza Christina a partir do nosso porto.

Não se podendo, pois, aproveitar o porto da Laguna para ponto de partida da E. F. Thereza Christina ás minas de carvão no Tubarão, tambem não é possivel crêr-se que se deva utilisar o de Imbituba devido a sua incapacidade.

A topographia deste porto é inconveniente, não só pelo facto de não ser elle abrigado dos ventos mais perigosos, que traiçoeira e inopinadamente produziriam nos navios ahi fundeados inevitaveis estragos, como pela razão de ter que se dispender oito a dez mil contos para construir-se um quebra-mar e docas, elementos indispensaveis á remediosa prestabilidade desse porto.

Foi a propria natureza, portanto, que condemnou esses dois portos á imprestabilidade; não fomos nós.

Conseguintemente ha só um unico recurso — o já indicado.

Partido dali, do Estreito, como a boa razão e a sciencia aconselham, ficará a provincia dotada com uma estrada de ferro sem que lhe reste motivo justificavel para reclamar nenhuma outra por espaço de muitos annos; e não haverá razão justa para que o sul da provincia não progrida nem para que os Lagunenses, com especialidade, nos taxem de egoistas ou persuadam-se de que oppomo-nos ao seu desenvolvimento.

Não; não temos outra intenção que não seja a de indicarmos, embora com grande sacrificio de nossa parte, os meios faceis, economicos e aproveitaveis, em beneficio geral, que restam á empreza dessa estrada, á das minas de carvão e que ao governo cumpre adoptar.

Ameaçados como estamos de perdermos a *Pedro I*, e precisando-se de um porto para a *Thereza Christina*, — uma vez desobstruido o taboleiro pelos meios que temos indicado, — o unico recurso que resta é fazer esta partir do ponto que indicamos.

Esta medida, unica que tem que se adoptar, justifica a necessidade urgentissima da desobstrucção do taboleiro.

Em resumo, quer construa-se a *Pedro I* quer não, o porto da *Thereza Christina*, em que ser o desta capital.

Ha quem diga que o porto de Massambú é excellente para ponto de partida desta estrada; mas o engenheiro de nossa confiança que o estudou, assevera o contrario, allegando que ainda mesmo com marés altas não ha profundidade sufficiente para aportar ali uma pequena embarcação, e que para construir porto em condições de dar entrada aos navios de grande calado que tenham de conduzir o carvão que sahir das minas, é preciso fazer dispendios avultados, com os quaes construe-se a estrada desde o Imbituba até esta capital, o que, em tal caso é muito mais conveniente.

—

O governo bem conhece que a *Thereza Christina* precisa de porto e que este não pode ser outro senão o do Desterro; mas dorme para não aborrecer-se com estas *pequenas* questões e não lembra-se que o estado está pagando juros sobre o capital nella empatado, nem que a companhia das minas de carvão está procedendo ás respectivas explorações, tendo muito breve toda a probabilidade de produzir quantidade enorme de carvão que ficará amontoado e exposto ao tempo por falta de via de transporte, o que muito prejudicará a ambas as companhias e ao paiz.

—

E' destes assumptos que o governo deve occupar-se, e nestas questões que deve intervir para facilitar ao paiz os meios de prosperar, de engrandecer-se, de acreditar-se.

E no entretanto é do que justamente menos se lembra, o que menos venéra, o que não faz parte do seu ponto de vista patriotico, por que talvez tenha como objectivo — o atraso do povo e da patria, com o qual se vai dando perfeitamente, apezar dos protestos que nós e tantos outros registramos seguidamente para que sirvam de aproveitamento, sinão no presente ao menos no futuro.

Registramos finalmente estes factos, para que o povo, tomando-os para exemplo, instrua-se na politica do paiz e reconheça um dia o erro em que cahio, adoptando o actual systema de governo, por não abraçar desde ha muito o que adoptamos, que indubitavelmente offerece mais garantias e vantagens ao desenvolvimento de tudo e de todos.

O Taboleiro

Sobre a questão da desobstrucção do taboleiro do nosso porto, de que esta redacção tem feito questão de honra, o nosso redactor-chefe dirigio em 23 de Junho p. p. uma carta ao seu antigo amigo o inclito deputado geral Campos Salles, nosso distincto e illustrado co-religionario, eleito pelo partido republicano de S. Paulo, em que lhe solicitava a honra de occupar-se circumstanciadamente no parlamento desse importante assumpto que, incontestavelmente, trará á nossa provincia um dos mais urgentes melhoramentos.

Esta redacção tambem enviou a esse provecto cavalheiro todos os numeros desta folha em que discutimos essa questão, para nos nossos argumentos elle poder basear a sua discussão.

Eis a resposta com que o Sr. deputado Campos Salles se dignou honrar o nosso redactor, honrando-nos tambem:

« Côrte, 29 de Julho de 1885.—Sr. J. A. Coutinho.—Agradeço cordialmente os honrosos comprimentos que se dignou dirigir-me em sua carta de 23 do corrente, assim como os conceitos do seu jornal A Voz do Povo *ao transcrever o meu discurso. Vale-me sempre o julgamento dos co-religionarios, principalmente quando elles se distinguem como V. pela mais decidida dedicação á nossa causa politica.*

« Li com a maior attenção o seu jornal e só me cabe applaudil-o pelo importantissimo serviço que está prestando á democracia.

« Tomo nota dos artigos sob a epygraphe—O taboleiro—para occupar-me delles quando haja opportunidade.

« Renovando os meus agradecimentos, peço que receba um affectuoso aperto de mão do seu co-religionario, obr.° e cr.° — M. F. Campos Salles. »

Alem desta carta temos algumas outras em nosso poder, que honrosa e bondosamente nos foram dirigidas por outros distinctos co-religionarios, que trabalham com afinco e assiduidade para, por intermedio de amigos do governo e por sua influencia propria, conseguirem que sejamos dotados com esse melhoramento.

Brevemente lhes daremos publicidade.

Já vê o povo catharinense que, tanto por meio da imprensa como por intermedio dos nossos amigos, o nosso fim é dotarmos esta provincia com o progresso que ella precisa adquirir para levantar-se do abatimento a que a reduziram os homens do systema politico-monarchico.

Precisamos, pois, que nos auxiliem para conseguirmos a victoria da nossa propaganda e que sejamos dotados com os melhoramentos que urgentemente carecemos.

COLLABORAÇÃO

Educação popular

I

A propaganda republicana não consiste só em criticar os máos resultados da monarchia, em mostrar a conveniencia do estabelecimento d'um regimen mais logico.

Consiste tambem em procurar quanto possivel aquillo que em melhores condições colloque o povo, aquillo que contribua para a conquista de sua liberdade.

Tudo que significar um alargamento na esphera de conhecimentos do povo, tudo que contribuir para que a luz penetre em seu espirito, é um poderoso elemento auxiliar para a democracia.

A republica não vive nas trevas, não precisa da escuridão das consciencias para poder viver. — Precisa e muito de verdade, e verdade não se tem sem educação, sem aprendisagem.

Por esta razão é que nos occupamos da educação do povo.

Para nós é este o mais difficil problema que se póde apresentar á resolução, é o que mais demanda cuidados da parte daquelles que se interessam pela patria.

Procuraremos, tanto quanto nos permittir nossa competencia, mostrar a fraqueza, a inconveniencia dos systemas que segue-se, apresentar os melhoramentos necessarios para que o nosso povo se eduque, e como poderemos com os elementos de que dispõe esta provincia estabelecer alguma cousa de rasoavel, de sensato.

* * *

O movimento social não é resultado de um só factor; multiplos são os elementos componentes de evolução nas sociedades.

O meio physico, a raça, os costumes, as tendencias, as religiões, as relações de commercio e de industria, o desenvolvimento mental, as guerras, as necessidades, as illusões, uma multidão de factores, em summa, formam o que se chama evolução social e são os orgãos desse enorme e infinito organismo que se chama progresso.

Entre esses elementos está a educação e como um dos mais poderosos.

Evidentemente não possue ella a energia do meio, da raça, do sentimento, das illusões; mas possue uma qualidade que a torna o factor social que mais deve ser observado, estudado.

Essa qualidade é ser o elemento que nas sociedades mais está dependente do homem.

Emquanto que quasi nulla é a acção deste sobre os orgãos materiaes da evolução; emquanto que é insignificantissimo sobre outros orgãos moraes, taes como o sentimento, as religiões, as illusões, sobre a educação é poderosa.

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

Esta póde ser alcançada em seus elementos geradôres, em seu modo de agir, em seus resultados, emquanto que sobre as outras partes convergentes que formam o progresso, só tem o homem a direcção.

Por isso deve de haver todo o empenho da parte daquelles que são patriotas, que se interessam pelo adiantamento do povo em alargar a educação, em dilatar a circumferencia ao limitado circulo em que esta hoje influe.

Sem conseguir-se a educação popular, sem obter que o cidadão saiba quaes seus deveres e quaes seus direitos, sem fazer que cada homem saiba que precisa de submetter-se a uma disciplina que suas idéas determinem e agir, sem enfraquecer o sentimento do individualismo, dentro de um determinado limite de conveniencia social; sem levar ao espirito de cada homem que seu maior dever é conservar sua liberdade e que esta não é o arbitrio, mas uma relação logica entre o possivel e o necessario; sem convencel-o de que exactamente para conservar inteira essa liberdade elle precisa de submetter-se a um regimen de solidariedade, pois que sem isso não teria garantia para seus direitos; sem fazer tudo que acabamos de dizer e mais alguma cousa util e necessaria não poderemos contar com a felicidade da nação e com o puro governo do povo.

Poder-se-á chamar-nos de incoherente por pregarmos o governo do povo em nosso paiz, quando sustentamos, com a opinião de illustre dr. Americo Braziliense, que o Brazil é um paiz de analphabetos.

Não procederá porém, tal argumento, pois que entendemos que com o actual systema de governo impossivel se torna o estabelecimento de educação para o povo.

A monarchia não póde viver senão entre trevas, não poderá dar, portanto, luz ao seu inimigo de sempre — o elemento popular.

E' esta mais uma razão para que nós republicanos empreguemos os possiveis esforços para conseguir a educação do povo, pois que cada facho de luz que lhe penetrar na consciencia, será um grande terreno avançado para a Republica.

***

Fizemos sentir a importancia do assumpto de que occupamo-nos; em subsequentes artigos desenvolveremos os pontos que lhe são relativos e que mais uteis achamos.

H. DE FREITAS.

Desterro, Agosto 85.

Uns cahem.... outros sobem.

Cahiu o partido liberal e subiu o conservador.

E' o que já todos sabem.

Uns cahem.... quer dizer o que fica dito; *outros sobem* importa uma e a mesma cousa.

E no fim de contas os que subiram professam as mesmas idéas, os mesmos fins e os mesmos principios dos que cahiram!

A differença só existe no rotulo: —vinho superior do Porto, ou do Porto superior vinho!

Os que cahiram tiveram um excellente passadio durante sete annos —engordaram...

Os que subiram vão ter o mesmo goso, senão flôr melhor.

A patria, a infeliz patria anemisou com a direcção de uns e Deus queira que não chegue a morrer de tisica, com a dos outros.

Póde ser que, entretanto, as cousas melhorem. Veremos....

Como espectadores da representação dessa comedia, que fará rir a uns e chorar a outros, analysaremos o desempenho dos papeis dos protogonistas.

Seremos sinceros e positivos para cumprirmos o nosso dever.

NOTICIARIO

CLUB REPUBLICANO

Está dado o primeiro passo.

No alicerce da grandeza politica do Brazil foi lançada a primeira pedra.

Os primeiros esteios do futuro vigoroso partido republicano desta provincia, estão de pé.

O Club republicano de Desterro está constituido.

Não mais fluctuarão ao acaso e dispersos os elementos democraticos nesta provincia, não mais os partidos existentes chamarão a si aquelles cujas idéas patrioticas pedem a Republica. Já existe aqui um partido republicano, já ha um centro em torno do qual gravitarão as forças republicanas, já temos uma direcção para os elementos democraticos, até agora sem união, sem disciplina.

Os esforços de alguns, a dedicação de outros, fizeram aquillo que de ha muito se tornára necessario— estabeleceram a linha de união entre todos os partidarios da Liberdade.

Agora é trabalhar para a frente, é caminhar.

O mais difficil está feito, o principio está conseguido; não nos resta, pois, mais que continuar com vigor o trabalho encetado, fazer desenvolver o arbusto que já germinou.

Não desfalèçamos ante as difficuldades que appareçam, não esmoreçamos ante os herculeos feitos que tivermos de praticar, lutemos que viver é lutar, e tanto mais forte é a luta, quanto mais fragil é aquelle que a tem de sustentar.

Caminhemos, que é essa a devisa do progresso, e, conseguintemente, a do partido republicano.

Já temos um Club, uma directoria, um corpo que nos oriente no caminho a seguir, que nos guie com a luz de seus conhecimentos, que nos fortaleça com a força de suas vontades.

Só nos resta, pois, desenvolver esse Club que inda não é forte pelo numero de seus membros, si bem que o seja pelo valor moral delles, seguir o caminho acertado que a direcção desse Club indicar para nossa marcha.

Para desenvolver o Club precisamos que todos os republicanos a nós se unam, comnosco collaborem, participem dos nossos trabalhos e das nossas conquistas, sejam socios nas idéas e no empenho de tornal-as factos.

Para seguirmos o caminho certo que o Club nos indicar, é necessario que todos tenhamos em vista o interesse do partido, a disciplina precisa para conseguir-se a victoria das idéas que sustentamos.

Estamos convictos — uma e outra cousa apparecerão e mais tarde ou mais cedo ouviremos os hymnos que annunciem que a liberdade implantou-se, o previligio extinguio-se, o direito venceo.

A VOZ DO POVO

Occupando-se de nós, diz *A Provincia de S. Paulo*, de 9 do corrente, importante orgam que se publica na capital de S. Paulo, aceito com o maior criterio por todos quantos tem a ventura de o lerem:

« *A Voz do Povo.* — E' este o titulo de um jornal que appareceu no Desterro e orgam das idéas republicanas.

E' muito bem redigido e interessante.

Agradecendo a remessa, desejamos ao collega toda a prosperidade. »

Se não conhecessemos a seriedade do illustrado collega supporiamos que zombou de nós —da nossa mediocridade; mas como o temos na conta do lisongeiro, delicado e attencioso para com os collegas, permitta-nos que, agradecendo-lhe a lisonja, taxemos de obsequiadoras as animadoras phrases com que nos honrou.

CHRONICA

Depois de uma semana de descanso, eis-nos occupando o lugar que nos pertence, para dar aos leitores da *Voz do Povo* aquillo que de mais notavel apresentaram os sete passados dias.

Merecem em primeiro lugar attenção os effeitos que manifestaram-se no Desterro pela quéda da situação liberal (?) e consequente subida dos conservadores ao poder.

Domingo (16) pela manhã, viam-se já caminhar a passos largos pelas ruas da capital e enviados em envernisadas botas e proeminentes chapéos, os chefes do conservatorismo da terra.

Um, aureolado pelos brancos cabellos que seus 60 trouxeram, sob a sombra da frondosa arvore conservadora, engravatado alvamente, criticava em alta voz os liberaes que não haviam sabido felicitar a nação, e, com sorrisos protectores e ar meigo, dizia aos representantes do partido da *Regeneração* que tivessem paciencia, já haviam desfructado as favas do poder por 7 annos e era, pois, licito que as deixassem á elles conservadores, que necessitavam já de calor do alto, para não haver congelamento no enthusiasmo partidario, por consumpção de esperanças.

Outros reuniam o batalhão dos pretendentes e punham *appendices* aos lugares que tornassem-se vagos.

Outros, emfim, compravam os foguetes e contratavam as musicas para, no momento da noticia decisiva, botarem mãos á obra e zás, passeata, etc., etc.

Acabou-se o domingo entre as esperanças de subida dos conservadores e não menos profunda esperança de conservação dos liberaes.

Veio a segunda e passou, tendo ainda os espiritos sob a pressão da tremenda duvida.

Chega a terça e continúa a falta de solução.

Sabe-se que o *magico* houve por bem consultar a ambos os presidentes dos augustos e dignissimos, mas não sabe-se o resultado da consulta.

Telegrammas p'ra aqui, telegrammas p'ra acolá, e nada, nada absolutamente.

O negocio complicava-se.

Conservadores viam passar a occasião de tirar a argolinha e temiam tão cedo não andasse a manivella á roda, para dar-lhes lugar; liberaes, sentiam que mais se lhes apertava o nó da descrença.

Afinal veio um telegramma: — Paranaguá chamado, vai ao paço.

Que de lagrimas se não seccaram! que de sorrisos não appareceram! que physionomias não enrugaram-se!

Conservadores recolheram-se murchos e liberaes mostravam-se já cheios do orgulho que traz a posse do poder, o gozo das posições governamentaes.

Foi, porém, ephemera a mutação.

Findou-se a terça e veiu a quarta, e com ella a solução definitiva da *coisa*.

Cahiam de facto os liberaes e tomavam posse das redeas do governo —os partidarios da ordem.

Um milhão de foguetes annunciou aos povos catharinenses que *havia acabado o predominio da desmoralisação e da ruina publica* e á noute uma passeata em *regra*, com os fogos de bengala, as marchas e os garôtos do estylo, percorria as ruas da pacifica cidade do Desterro, commemorando o facto e exhibindo a valente rhetorica dos oradores da conservancia.

Caminha-se, toca-se, dá-se vivas e assoma em um lugar qualquer o respeitavel vulto de um rei de oiros, e, falação ás massas: « Ha na vida das sociedades humanas, etc., etc., e foi por isso que eu empunhei a voz neste momento solemne. »

Acaba o orador de orientar as mentalidades de seus companheiros e uma multidão de vivas eleva-o ás regiões..... da lua.

Depois de muito discurso, muito viva,

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina

muito fogo, muita pretenção, concluiram-se os festejos da quarta.

Surgio a quinta, ainda com barulho e foguetes.

Chegou a noticia da organisação ministerial e zás, nova festança, outra vez passeio, musica, bandeira, etc., etc.

Passa a manifestação por uma praça, quando de uma porta, de vela em uma das mãos e as tiras escriptas em uma outra, surge um orador, que vinha dizer que era amigo do throno, mas não do monarcha que dilacera a constituição, que prostitue a monarchia, etc.

Continúa a passeata, e mais outro filho da eloquencia apparece, dizendo que —o paiz vai entrar na estrada larga da civilisação, do progresso e do desenvolvimento; que sente uma paixão vehemente, que manifesta-se com vehemencia e outras *cousitas* mais.

Dão mais uma volta os commemorantes da ascensão do Barão das Popelines e de volta á praça agrupam-se em seu centro.

Ahi ergue a voz, ou empunha, como queiram, o prestigioso, influente, proeminente, o possuidor de todos os adjectivos insufladores cá da terra, o *mandarim* de 1.ª classe dos bandos da ordem e depois de falação animada conclue levantando vivas —ao sabio dos sabios, ao rei da sabedoria, ao *emparadô*.

Depois disto veio a sexta, mas vazia, e o sabbado que tambem não foi cheio.

E até outra.

Lucio.

LITTERATURA

A Libertinha

N'um luminoso dia de Abril, em que o sol reflectia na vegetação um colorido brilhante, parava ao portão da chacara de Mme. Delmé um cavalleiro, moço de vigorosa estatura, mas pallido macillento, um aspecto doentio. Apeou-se, transpoz a entrada da casa; a bulha de suas esporas retinindo no pavimento fez aparecer um moça á janella que ao vel-o exclamava alegre: olhem quem está ahi.... E Luiz entrava na ante-sala sob uma chuva de saudações alegres, abraços jubilosos. Depois de tanta expansão de alegria, elle desafivelou a bolsa pendente a tiracollo e entregou uma carta a Mme. Delmé, sua tia, que tomando o *enveloppe*, levantou-se e abrindo a dobra da grande cortina da porta, passou á seu elegante gabinete. Ahi, lida a carta, soube que o joven portador era mandado á sua *villa* porque receiava-se pela saude delle, depois de excessivos trabalhos academicos. Então Mme. mais tranquilla pelo que lhe pediam, tornou á sala para annunciar que satisfeitissima hospedava ao « melancholico poeta »; que então muito absorto encostado a uma janella, aberta em persianas verdes sobre o jardim, contemplava as brancas vellas das barquinhas que deslisavam ondeando no dorso das aguas do rio que se espraiava em frente.

Em casa de sua tia a existencia de Luiz suavisava-se mais, achava-se n'um meio confortavel, affastado do bulicio rumoroso da cidade, alargando a vista na contemplação dos elementos da natureza; sentia no physico mais algum allivio; mas quanto ao moral, não, sua alma emocionava-se naquelle conjuncto de suavidade terna que o rodeava.

Ao entardecer do dia assentava-se n'um banco do jardim e lia Musset ou Varella, auctores de sua predilecção; no primeiro encontrava um sensibilismo são e adoravel, n'outro uma harmonia sonora, uma belleza de fórma immensa. Uma noite chegou a fallar com sua tia, da mansidão claustral, das meditações ascetícas dos espiritos que se consagram a Deus. Não penses nisso, disse ella, és moço, expande tua alma as alegrias mundanas.

Depois disto começaram tambem a temer da saude do moço-poeta; então, foi resolvido experimentar todos os meios de distracção, livral-o o mais possivel do isolamento, da concentração.

A primeira reunião dada foi agradabilissima, n'uma noite fresca, bonita, estrellada, convocaram-se pessoas d'amisade, houve dansa, fez-se musica; Luiz executou no violino um solo languido e plangente, parecia evolar-se das cordas uma poesia infinda, as notas ternas e suaves da musica esmoreciam languorosamente no espaço.

Elle amava a musica sentimental, os sublimes accordes casavam-se á sua natureza impressionista.

Assim, conseguia-se pouco a pouco fazel-o minorar, a poder de distracções constantes, mas quem muito concorria para suavisar a magua desse sonhador de vagos ideaes era Odylla, a companheira dos brincos infantis de sua irmã, Zelia.

Essa mocinha de olhos travessos e ar fagueiro, essa moreninha allucinante, era uma criança educada por Mme. Delmé desde os tres annos; desconhecia sua mãe, fôra criada, crescera junto de Zelia, amavam-se pois como irmãs de sangue.

Triste illusão! A mãe de Odylla vivia, fôra escrava, vio-se obrigada um dia a deixar a casa senhorial, e abandonar sua filha; longe da provincia obteve a liberdade a peso de ouro. Mme. Delmé creando a gentil criança, guardou para todos o mais cerrado sigillo; a toda a parte levava-a comsigo.

Houve corridas no prado, a familia entendeu assistir; Zelia assentava-se no carro descoberto ao lado de sua tia; Luiz e Odylla gallopavam lado a lado, seguindo o vehiculo que rodava veloz no macadam da estrada. O dia estava radioso, o sol esplendia n'um céo azul tão suave como o das porcellanas ricas. Os transeuntes encontrados no caminho fitavam a graça, o garbo com que a amazona cavalgava junto daquelle *gentleman* de *pose* altiva, luvas cinzentas e chibata em punho.

Na archibancada do Jockey-Club a elegancia de Odylla fez sensação entre as senhoras.

Foi isto o que muito concorreu para que dias depois Luiz se declarasse francamente enamorado da seductora e graciosa moça.

Sua tia a principio rio-se, zombou das manifestações do sobrinho; ella, senhora de muita educação, apezar do arredio que mantinha dos centros da alta sociedade, conservava ainda uma fimbria de vaidade fidalga, tinha orgulho em descender de elevada linhagem. E no dia em que convenceu-se da seriedade das tendencias namoradas de Luiz, foi diminuindo a affabilidade que lhe dispensava.

Mas o amor é como estas plantas que quanto mais se tosam, mais brotam exhuberantes de seiva. Quando Luiz devia deixar a casa de sua tia, assentou-se junto desta e ao depois de lembrar os dias de sua infancia, amparados por ella, tão bondosamente, pedio-lhe Odylla em casamento.

O abalo, a commoção de Mme. Delmé não poderia ser maior, nunca esperou a chegada das cousas a uma altura tal! porém foi formal em recusa, não admittia que um Delmé quizesse uma pupilla para esposa.

E elle partio abatido, levando a lembrança, o ardor do amor á quella criança morena e de negras e flutuantes tranças.

Fôra para alli em busca de allivio para o mal physico e voltava affectado largamente do moral; de dia para dia seu amor tocava a effervescencia, resolveu então tudo arrastar e reiterou o pedido á sua tia. Esta esperando que o amor verdadeiro tivesse preconceitos, respondia, narrando a historia de Odylla e indicava-lhe para esposa a mimosa menina Irene, filha de pais ricos; uma creança franzina, delicada, destituida d'elegancia, educada n'um convento, onde só parecia ter aprendido a rezar e perfumar-se. Mas Luiz teimava em não aceitar, insistia por Odylla, — promettia espatriar-se, — era em vão. Nada aceitavam. Foi então quando explodio a sua indignação e planejou raptar essa bella plebéa, embalada na flaxidez do luxo.

Infeliz, desgraçado mancebo, agora tanta dedicação, pensando com o sentimento, com a coragem d'um amante; amanhã desanimado, triste, impotente, diante o peso da realidade da vida das cousas.

Surgira um dia, de manhã fria, céo nublado, um denso nevoeiro cerrava a vista o verde das arvores. Luiz fechava um livro de Byron, o cantor das divindades da paixão, quando vieram entregar-lhe uma carta, a lettra era de sua irmã, quebrou o lacre, desdobrou-a, avidamente leu-a, atirou logo para cima da secretária, levantou-se e caminhando a passos largos, com as mãos ao coração, erguendo os olhos amortecidos de dôr, exclamava angustiosamente:

Meu Deus, o que te fiz? esmagas-me sob o peso da desolação, oh, não, não posso soffrer tanto, e abrindo a gaveta do luxuoso movel tirou um rewolver e, como o amante de Carlota, fez o cerebro em estilhaços.

. . . . . .

Na carta, Zelia dizia estar inconsolavel, na vespera, longe da casa havia sua tia feito Odylla casar com um moço pintor, que tambem a amava desde alguns mezes.

LEOPOLDO CRUZ.

Porto-Alegre, Agosto de 85.

(Do nosso correspondente do Rio Grande.)

Soneto

NO ALBUM D'UMA MENINA

Como manhã de primavéra ardente,
formosa, clara, azul, cheia de luz,
que se derrama pelo orbe á flux,
surgindo das bandas do Nascente;

manhã de Outubro quando as ricas flôres
orvalhadas entornam seus odôres
na athmosphera, e quando os passarinhos
saem das mattas, onde estão os ninhos...

e uns cantos salutares, gloriosos
como de heróes— os hymnos victoriosos
vibrando vão... vibrando lá pelo ar:

Assim esplendida Olga, Olga divina
é a bôa quadra, ó rútila menina,
da tua infancia á doce luz do lar!...

REINALDO MACHADO.

Expediente

Por emquanto publica-se este jornal aos domingos.

ASSIGNATURAS

CAPITAL

Semestre. . . . . 3$000

PELO CORREIO

Semestre . . . . . 4$000

Numero avulso 40 réis.

Pagamento adiantado.

Os autographos que nos forem enviados não serão devolvidos, embora deixem de ser publicados.

Qualquer publicação, não sendo contraria ás idéas deste jornal, será feita por preço muito favoravel.

E' impresso este jornal na typographia de J. J. Lopes, á rua da Trindade n. 2, onde se darão quaesquer informações.

Typ. de J. J. Lopes, rua da Trindade n. 2

Acervo: Biblioteca Pública de Santa Catarina